

HUMANAS E SOCIAIS

V.12 • N.3 • 2025 • Publicação Contínua

ISSN Digital: 2316-3801

ISSN Impresso: 2316-3348

DOI: 10.17564/2316-3801.2025v12n3p103-115



OBJETIFICAÇÃO DO GÊNERO TRANS NO CONTEXTO DE PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR

OBJECTIFICATION OF THE TRANS GENDER IN THE CONTEXT OF
PERMANENCE IN HIGHER EDUCATION

OBJETIFICACIÓN DEL GÉNERO TRANS EN EL CONTEXTO DE LA
PERMANENCIA EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR

Bruno Gomes Pereira¹
Thiago Sartori²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar falas de estudantes universitários brasileiros, assumidamente transexuais, acerca da sua permanência no ensino superior após ter tido seu acesso viabilizado por políticas públicas de cotas. A fundamentação teórica está alojada no campo interdisciplinar da Linguística Aplicada (LA), operando, de maneira específica, na zona fronteira entre os estudos sobre políticas públicas e identidades de gênero. A metodologia parte dos princípios fenomenológicos, sendo um estudo de caso de abordagem qualitativa. Foram entrevistados três acadêmicos transcotistas, os quais estão devidamente matriculados em uma instituição pública federal, localizada na região metropolitana de São Paulo, no Brasil. Os dados revelam um sentimento de objetificação por parte desses estudantes, uma vez que relatam situações que reforçam a ideia de articulação entre sua imagem e a percepção de erotização popular.

PALAVRAS-CHAVE

Educação Brasileira. Gênero. Linguística Aplicada.

ABSTRACT

This work aims to analyze statements by Brazilian university students, openly transsexual, about their permanence in higher education after having had their access made possible by public quota policies. The theoretical foundation is housed in the interdisciplinary field of Applied Linguistics (AL), operating, specifically, in the border area between studies on public policies and gender identities. The methodology is based on phenomenological principles, being a case study with a qualitative approach. Three cross-quota academics were interviewed, who are duly enrolled in a federal public institution, located in the metropolitan region of São Paulo, Brazil. The data reveal a feeling of objectification on the part of these students, since they report situations that reinforce the idea of articulation between their image and the perception of popular eroticization.

KEYWORDS

Brazilian Education; Gender; Applied Linguistics.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar las declaraciones de estudiantes universitarios brasileños, declaradamente transgénero, sobre su permanencia en la educación superior después de que su acceso fuera posible gracias a políticas públicas de cuotas. La fundamentación teórica se aloja en el campo interdisciplinario de la Lingüística Aplicada (LA), operando, específicamente, en la zona fronteriza entre los estudios sobre políticas públicas y las identidades de género. La metodología se basa en principios fenomenológicos, siendo un estudio de caso con un enfoque cualitativo. Se entrevistaron a tres estudiantes de cuota trans, quienes se encuentran debidamente matriculados en una institución pública federal, ubicada en la región metropolitana de São Paulo, en Brasil. Los datos revelan un sentimiento de cosificación por parte de estos estudiantes, ya que relatan situaciones que refuerzan la idea de articulación entre su imagen y la percepción de erotización popular.

PALABRAS CLAVE

Educación Brasileña. Género. Lingüística Aplicada.

1 INTRODUÇÃO

As discussões sobre gênero têm ganhado espaço nos últimos anos, especialmente no âmbito das Ciências Humanas e Sociais. Com isso, há uma tentativa de vozeamento deste grupo social que, durante todo o percurso histórico, sofreu com o silenciamento advindo de uma cultura predominantemente heteroformativa.

Neste artigo, estamos entendendo o termo “vozeamento” a partir das projeções investigativas dos estudos enunciativos, os quais nos ajudam a entender construções de poder a partir de posicionamentos sociais do homem. Em outras palavras, a percepção de “voz” aqui contemplada não se refere necessariamente ao som vocálico dos atos de fala, mas sim à forma com a qual o homem reage a partir dessas intervenções de comportamento. Isso, por sua vez, gera efeitos de sentidos, de maneira a revelar o modelo social que temos hoje (Anzini, 2020; Pereira, 2020a; Pereira, 2020b).

A partir desse contexto, discussões sobre gênero tem se tornado cada vez mais necessárias, partindo da premissa de que, com os movimentos sociais, relatos de intolerância têm e tornado frequentes. Constantemente, nos deparamos com fortes vestígios de violência, advindas de uma cultura heteroformativa e preconceituosa. Na contramão, temos percebido também uma tentativa maior de entaves dialógicos no contexto acadêmico sobre essa temática, com vistas a agregar às discussões, bem como combater ações homo/transfóbicas, sobretudo em contextos formais de ensino.

Este trabalho tem como objetivo analisar falas de estudantes universitários brasileiros, assumidamente transexuais, acerca da sua permanência no ensino superior após ter tido seu acesso viabilizado por políticas públicas de cotas. Entendemos que é necessário falar sobre isso, partindo do pressuposto de que a permanência de pessoas trans nos domínios universitários tem se revelado um ponto frágil nas políticas de cotas.

Diante disso, é pertinente a seguinte pergunta de pesquisa: O que revelam as falas analisadas de estudantes universitários brasileiros, assumidamente transexuais, acerca da sua permanência no ensino superior após ter tido seu acesso viabilizado por políticas públicas de cotas?

Na tentativa de responder satisfatoriamente à problemática de investigação supramencionada, optamos por uma fundamentação teórica de natureza interdisciplinar. Em outros termos, os saberes aqui mobilizados estão alojados no campo conversacional da Linguística Aplicada (LA), operando, de maneira específica, na zona fronteira entre os estudos sobre políticas públicas (Gomes; Ximenes, 2022; Hashizume; Alves, 2022; Rossi, 2020; Sartori, 2020) e identidades de gênero (Nascimento, 2022; Vianna; Bortolini, 2020).

O sentido que damos à ideia de “interdisciplinaridade” é condizente com o proposto por Amaral *et al.* (2024), ao afirmar se tratar de uma perspectiva conversacional entre áreas afins de investigação. Assim, trata-se de um diálogo estabelecido entre as referidas áreas teóricas, de maneira a nos apresentar uma visão mais holística do corpus de pesquisa.

A metodologia parte dos princípios fenomenológicos, sendo um estudo de caso de abordagem qualitativa (Ramos; Mazalo, 2024). Acreditamos que o viés metodológico aqui tenha sido essencial à construção de sentidos dos dados, partindo da premissa de que o corpus é, na verdade, uma representação da ideologia que o motiva.

Foram entrevistados três acadêmicos transexuais cotistas, os quais estão devidamente matriculados em uma instituição pública federal, localizada na região metropolitana de São Paulo, no Brasil. Trata-se de uma instituição de grande porte, a qual não teve seu verdadeiro nome revelado por questões éticas.

Os dados revelam um sentimento de objetificação por parte desses estudantes, uma vez que relatam situações que reforçam a ideia de articulação entre sua imagem e a percepção de erotização popular. Nesse caso, parece reportar ao preconceito heterofóbico que consiste em associar a pessoa trans à prostituição e à concupiscência.

2 LINGÜÍSTICA APLICADA E A ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR

A priori, há de se levar em consideração a concepção holística da LA na prática de relativização das práticas sociais. Nesse sentido, não estamos entendendo-a como disciplina, embora já tenha sido disciplinarizada em algumas instituições de ensino. Compreendemos aqui os estudos aplicados da linguagem como uma maneira agregadora de se fazer ciência em uma realidade pós-moderna (Pereira, 2020a; Pereira, 2020b).

Em outros termos, a LA é entendida aqui como uma postura filosófica no campo dos estudos científicos que opta por relocalizar os saberes acadêmicos a partir de zonas fronteiriças em que diferentes olhares humanos se alojam. Nesse sentido, a LA compreende o funcionalismo dos estudos acadêmicos tal como um corpo humano: trata-se de um organismo vivo, impossível de se alojar dentro de um campo específico de um saber. Tem-se um sistema de saberes que agem de maneira concomitante, tal como os órgãos do corpo humano, de maneira a garantir o funcionamento do sistema como um todo (Pereira, 2020a).

Da LA, nos interessamos mais de perto pelas suas discussões acerca de grupos periferizados, bem como as estratégias sociais reconstruídas a partir da perspectiva de vozeamento dos atores sociais historicamente subalternos. Nesse caso, temos como foco o debate sobre gênero, muito latente no escopo dos estudos aplicados pós-modernos. Trata-se de um olhar a partir do lugar de fala assumido por essas pessoas, com efeito de práticas discursivas já cristalizadas no bojo de uma sociedade heteroformalista (Sartori; Pereira, 2022b).

Nesse sentido, a LA nos convida a pensar estas discussões para além do pensamento estruturalista. Para isso, a postura conversacional entre diferentes áreas do conhecimento mostra-se pertinente à busca de um olhar mais amplo e, ao mesmo tempo, mais satisfatório no que compete as dinâmicas sociais. Em outras palavras, optamos por construir uma discussão a partir do diálogo fluido entre diferentes saberes humanos com o intuito de vermos o mesmo fenômeno social a partir de diferentes ângulos (Sartori; Pereira, 2022a; Sartori; Pereira, 2022b).

Das Políticas Públicas, nos interessamos mais de perto pelas discussões sobre cotas de acesso e permanência de pessoas transexuais e travestis no contexto da educação superior brasileira. Entendemos que isso é algo basilar à compreensão do cenário desta pesquisa, pois ilustra o fluxo de pessoas trans no bojo da universidade em que os dados foram gerados (Marcondes et al., 2022; Rossi, 2020; Sartori, 2020).

Nesse sentido, estamos entendendo as Políticas Públicas como um conjunto de medidas governamentais que atuam na manutenção e estruturação da educação básica e superior brasileira. São as Políticas Públicas, por exemplo, que atuam de maneira socialmente catalisadora entre governo e o povo em si (Santos; Freire, 2022; Sousa, 2020; Sartori, 2020).

Dos estudos sobre identidades de gênero, nos interessamos mais efetivamente pelas discussões que versam sobre a pluralidade de identidades que podemos agregar em relação à nossa atuação em sociedade. Nesse caso, estamos nos referindo à execução de papéis a partir daquilo que entendemos como sendo nossa função nos domínios sociais. O gênero aqui emerge como uma espécie de artefato que opera na interface entre social e psicológico (Nascimento, 2022; Santos; Freire, 2022; Vianna; Bortolini, 2020).

A partir disso, focamos nas discussões sobre gênero como uma representação ideológica, psicológica e sociológica redimensionada dentro de um recorte de tempo e de espaço. Nesse caso, não optamos pela visão biológica como único meandro explicativo, pois entendemos esta visão predominantemente heteroformalista e pouco expansiva no que compete às questões culturais e comportamentais do homem como ser social (Gomes; Ximenes, 2022; Nascimento, 2022; Vianna; Bortolini, 2020).

Nesse sentido, entendemos que a LA não opera sozinha e nem no vazio. Ela cria condições de diálogo entre diferentes olhares, de maneira a nos dar condições mais satisfatórias de relativização das verdades científicas, bem como na inoperância de uma só área de conhecimento na estruturação de análises mais densas. Assim, a compreensão dos fenômenos sociais não pode se esgotar a uma via de mão única, partindo do pressuposto de que o homem é um animal social rico em suas formas e em suas projeções. Logo, impossível de ser entendido de uma maneira uníssona (Sartori; Pereira, 2022b).

As Políticas Públicas e as discussões sobre Identidades de Gênero não podem ser vistas de maneira desvinculada. De acordo com a LA, não são vistas como áreas do conhecimento, mas sim como saberes que, a partir de um olhar mais fluido, conseguem convergir e, a partir disso, se mostrarem mais receptivos às forças ideológicas sociais como um todo.

3 METODOLOGIA

A filosofia de pesquisa que adotamos nesse percurso é a Fenomenologia, entendida aqui como uma maneira indutiva de se conceber os dados investigados. Para isso, entendemos que a pesquisa de base fenomenológica leva em consideração o percurso temporal em que os dados se constituíram, bem como a sua percepção valorativa dentro de um recorte espacial. Nesse sentido, a Fenomenologia passa a ser vista como uma postura investigativa em que as relações extrínsecas são condicionantes basilares na construção de sentido dos dados. Logo, há um olhar holístico sobre os fenômenos sociais que circundam a existência dos dados, partindo do princípio de que há um teor dialógico e dialético entre corpus e contexto socioprágmató (Ramos; Mazalo, 2024).

Neste artigo, a natureza fenomenológica nos ajudou a entender as diretrizes de poder que agregam sentidos por intermédio da fala dos acadêmicos transexuais, entendidos aqui como atores de pesquisa. Isso, por sua vez, nos convida a pensar que o recorte do ato de fala que constitui os dados

tratados são, na verdade, uma materialização linguística de forças ideológicas maiores que perpassam a construção espacial universitária.

No que compete ao tipo de pesquisa, temos um estudo de caso, partindo do princípio de que os dados foram coletados a partir de três casos específicos, o que nos leva a classificá-lo como um estudo de caso múltiplo. Esse olhar predominantemente descritivo nos ajuda a mapear as situações observadas no decorrer da investigação e, com isso, nos dá subsídios para entender casos similares em contextos também semelhantes. Por isso, em pesquisas alojadas no campo das Ciências Humanas, o estudo de caso tem se configurado como tipologia metodológica pertinente, pois capta olhares de forma e conteúdo de maneira complementar (Ramos; Mazalo, 2024).

O estudo de caso múltiplo de caracteriza pela triangulação de três situações similares vivenciadas por acadêmicos transexuais no contexto da educação superior. A postura comparativa que assumimos aqui é alicerçada na possibilidade de mapeamento das condições socioprágmatias que motivaram a interação entre atores de pesquisa, de maneira direta ou indireta. Isso, por sua vez, nos dá condições de entender outras realidades de violência transfóbica. Em tempo, reiteramos que a investigação deste caso foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com o parecer de número 6.655.641.

Já no que compete à abordagem de pesquisa, adotamos um olhar qualitativo para tratamento dos dados. Esta abordagem é caracterizada pela construção de sentidos a partir daquilo que está implícito no corpus da investigação. Optamos um olhar intersubjetivo, ao considerarmos que as relações interpessoais demandam forças de poder que devem ser consideradas no momento do tratamento dos dados (Ramos; Mazalo, 2024).

Nesta pesquisa, a abordagem qualitativa nos ajudou a compreender as falas que constituem os dados investigados a partir do entorno do que foi dito. Por isso, compreendemos os dados em três momentos diferentes, a saber as capacidades semiotizadas em cada um deles.

A instituição de ensino superior em que os dados foram coletados pertence à esfera federal do ensino público brasileiro. Trata-se de uma renomada universidade que se encontra geograficamente localizada na região metropolitana do Estado de São Paulo. Esta região é constituída pelos seguintes municípios: São Caetano do Sul, São Bernardo do Campo, Santo André, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. Como as fronteiras entre as referidas cidades são limítrofes, é muito comum um fluxo constante de pessoas entre estes domínios.

A instituição de ensino superior em que os dados foram gerados apresentam campi distribuídos, de maneira mais pontuam, na região do ABC Paulista, sendo, pois uma instituição federal de forte influência nas mediados em que está localizada. Entendemos que isso seja importante para a construção de sentidos dos dados analisados neste artigo, considerando que toda essa dinâmica é caracterizada como um conjunto de forças ideológicas maiores, as quais ajudam a semiotizar as práticas comportamentais das pessoas.

Identificar o fluxo migratório, bem como a localização espacial da referida instituição de ensino superior nos ajuda a construir sentidos a partir do que os dados coletados revelam. Entendemos que o ato de descrever as condições geográficas que contextualizam a universidade nos ajuda a pensar questões relacionadas ao empoderamento da classe dominante em relação à subordinação da classe

dominada. Quando falamos em “classe” não estamos necessariamente nos referindo às condições econômicas do ator social, mas sim à posição que este ocupa segundo à segregação abissal advinda do sistema neocolonial, tal como já discutimos anteriormente (Ramos; Mazalo, 2024).

Foram entrevistados três acadêmicos transexuais que ingressaram no ensino superior por meio das políticas de cotas para acesso e permanência de pessoas transexuais e travestis e que estavam regularmente matriculados na instituição de ensino na ocasião da aplicação desta investigação.

A entrevista foi realizada nas dependências da universidade em uma sala reservada em horários diferentes das aulas dos participantes, tendo sido devidamente gravada a partir da autorização dos entrevistados, os quais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram feitas um total de dez (10) perguntas que versam sobre aspectos estruturais da permanência do acadêmico trans. Em tempo, cada entrevista durou aproximadamente 30 minutos. Posteriormente, foi devidamente transcrita para ser analisada, na sequência.

Dentre as respostas obtidas por intermédio das entrevistas, selecionamos aquelas que melhor semiotizam discursos de objetificação da pessoa transexual nos domínios da educação superior. Isso, por sua vez, nos ajuda a pensar em condições de violência transfóbica que, segundo os relatos, acontecem tanto de maneira explícita, quanto de maneira velada, sendo esta última um exemplo direta das tendências de silenciamento advindas de uma conjuntura social neocolonial. Isso, por sua vez, remete-nos à natureza fenomenológica deste trabalho, ao nos permitir pensar em disparidade discursivas que motivaram, de alguma maneira, a coleta dos dados.

Por fim, a construção desse desenho metodológico nos permite pensar na construção de uma estrutura social predominantemente arbitrária e heteroformalista. Dessa forma, compreender que o corpus de investigação é um reflexo do meio em que opera é, antes de tudo, reconhecer que importância da metodologia em um processo científico. Nesse sentido, podemos tratar o trajeto metodológico como tão essencial ao processo de construção analítica da pesquisa quanto a existência dos próprios dados tratados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Fragmento 1 foi retirado da entrevista quando a pessoa trans foi questionada sobre os principais entraves vivenciados no processo de permanência no contexto universitário.

FRAGMENTO 1

Às vezes, eu comento com minhas amigas, que também são trans aqui, ‘ah, a gente vai pra uma festa, mas a gente não tá pensando necessariamente que a gente vai se relacionar com alguém nesse sentido’. Porque muitas vezes isso não vai acontecer. Muitas vezes, que esses projetos de relação afetiva estão marcados isso dificulta você se manter na universidade, porque criar laços afetivos, não digo de amizade, porque pelo menos eu nunca tive problemas com isso, mas quando a gente começou o debate sobre cotas trans aqui, eu não era da universidade, mas eu sou da região, então eu fico,

tentei, o pessoal do coletivo que brigou pelas cotas, junto com o coletivo que eu também faço parte, a gente ouviu muitos relatos.

De acordo com o Recorte 1, há um desabafo por parte do acadêmico trans. Logo, nem sempre quando costumam frequentar festas e comemorações feitas na universidade, ele e os demais colegas estão com interesse em se relacionar com alguém. Embora isso tenha possibilidade de acontecer, não é uma regra. O acadêmico trans assegura isso em relação à ideia estereotipada que existe sobre o fato de ter fama de alguém com muitos namorados.

Isso retoma um discurso colonial, em que a pessoa transexual é colocada como agente sexual. Em outros termos, semiotiza questões de potencialização da imagem do trans como dotada de volúpia e desejos sexuais sem muitos critérios. Entendemos que isso tem relação com o pensamento de uma sociedade heteroformalista, em que o desejo sexual parece se encontrar em fraca expansão (Anzini, 2020; Gomes; Ximenes, 2022).

Diante disso, a imagem do acadêmico transexual é figurativizada a partir de um estereótipo popular, sem muitos precedentes na realidade do comportamento humano. Nesse sentido, a figura do transexual é vista como uma espécie de disjuntor entre a realidade e uma projeção imaginária permeada por um discurso vulgar e pouco adepto ao senso crítico (Hashizume; Alves, 2022; Marcondes *et al.*, 2022).

Não há, em casos como esse, uma preocupação por parte das políticas públicas no que compete à permanência dessas pessoas no meio universitário nesse sentido. A falta de preparado das instituições nesse sentido é um dos gatilhos para situações de estupro, por exemplo, de pessoas transexuais. Trata-se, portanto, de um relato diretamente associado às situações de violência transfóbica, visto que parece se desenvolver em torno de uma ideia de comportamento social totalmente questionável (Sartori; 2022).

O Fragmento 2 foi retirado da entrevista quando o acadêmico trans relata exemplos de violência transfóbica vivenciada durante sua permanência na universidade. Nesse caso, o referido relato foi entendido como um ato de violência não velada, considerando a frequência com a qual isso acontece.

FRAGMENTO 2

A gente também viu casos de em festas ter problemas em relação a isso. Na última festa que teve, inclusive, teve uma denúncia no final da festa de que as pessoas trans estavam sendo proibidas pelos seguranças de usar o banheiro. Isso gerou um desconforto muito grande. Porque, imagina, você está numa festa, bebendo você está bebendo uma bebida alcoólica que vai te fazer ir ao banheiro com frequência e você ser proibida de usar o banheiro. E, na verdade, essas minhas colegas também.

De acordo com o Fragmento acima, o acadêmico transexual relata que, muitas vezes, durante as festas universitárias, foi proibido de utilizar o banheiro, mesmo sendo um espaço de livre acesso por parte de quem estava no local. Ainda conforme o relato, essa proibição em utilizar o espaço é, na verdade, uma tentativa de distanciamento das pessoas hétero em relação às transexuais, o que, evidentemente, gerou um desconforto muito grande.

Do ponto de vista interpretativo, há uma iniciativa de segregação social que vai contra as ideias de regreção já discutidos nesse trabalho. Trata-se, portanto, de um ato de violência transfóbica a

partir de um discurso de superioridade daqueles que se intitulam hêteros dentro de uma estrutura social semiotizada por preconceitos e disjunções sociais. Essa segregação, por sua vez, estabelece uma relação de causa e consequência, uma vez que parece não ser um objetivo comum entre as partes. O fato de ter causado constrangimento aos acadêmicos transexuais, pressupõe uma assimetria entre os atores sociais envolvidos no contexto espacial universitário (Santos; Freire, 2022; Sousa, 2020).

Por outro lado, não podemos desconsiderar a denotação sexual conferido ao banheiro enquanto espaço social. A organização deste ambiente a partir de fatores unicamente biológicos ocorre de maneira verticalizada e sem possibilidade de flexibilização por parte de pessoas mais conservadoras e extremistas. Nesse caso, por não terem um sentimento de pertencimento ao espaço, o acadêmico transexual passa a se sentir deslocado dentro de uma redoma que, psicologicamente, não é sua, gerando a rejeição (Marcondes *et al.*, 2022; Nascimento, 2022).

Pesquisas dão conta de discussões muito densas e que se assemelham ao relato aqui transposto. As políticas públicas educacionais em todas as suas esferas no Brasil ainda parecem desconhecer um mecanismo efetivamente assegurador para que isso não aconteça com os alunos transexuais em contextos formais de ensino. O uso do banheiro parece ser uma espécie de tabu em escolas que optam pela omissão para não se comprometerem, uma vez que ainda é um assunto que divide opiniões (Anzini, 2020; Sousa, 2020).

O Fragmento 3 foi retirado no momento da entrevista em que o acadêmico trans foi questionado a respeito sobre sua permanência no contexto universitário ser ou não pacífica. Mostra, por isso, um recorte de uma situação vivenciada no ensino superior.

FRAGMENTO 3

E eu acho a parte da socialização também, porque grande parte da universidade, que a gente tá tendo agora que voltou presencial, a gente ficou 2 anos na EaD, então, a gente não tinha muito isso, tem a ver também em você ver pessoas, se interessar por pessoas, fazer amizades, criar vínculos, uma dinâmica até de namoro, relações afetivas. Eu ainda sinto que a universidade é pouco aberta quanto a isso, assim. A comunidade universitária ainda é muito restrita com relação a isso.

De acordo com o Fragmento acima, com o retorno das aulas pós-pandemia, houve também o retorno da dificuldade de movimentação no meio acadêmico presencial. Essa dificuldade advém de o preconceito em relação a imagem do acadêmico transexual estar sempre relacionada a uma vida libertina. Isso, por sua vez, parece dificultar as relações afetivas das pessoas trans em outros domínios sociais, inclusive no que compete às relações de namoro.

Do ponto de vista interpretativo, isso parece reforçar a ideia profana sobre as pessoas transexuais, já comentada no início dessa seção. Trata-se da manutenção de um discurso cristalizado entre camadas sociais mais preconceituosas e extremistas. Nesse sentido, podemos dizer que se isso reforça uma ideia (neo) colonialista, em que a alusão ao sexo é vista como instrumento de separação entre aqueles entendidos como “normais”, para os padrões sociais, e os demais, aqueles que não se encaixam nessas padronizações (Gomes; Ximenes, 2022; Santos; Freire, 2022).

Assim como dito antes, as políticas públicas brasileiras parecem não construir artefatos que possam assegurar aos acadêmicos transexuais algum tipo de proteção às violências transfóbicas des-

sa natureza. Além de reverberar um discurso essencialmente segregador e heteroformalista, a ausência de amparos nessa perspectiva pode afetar a permanência de pessoas transexuais no contexto universitário de maneira definitiva. Isso, por sua vez, parece colaborar para a perpetuação de uma transfobia já estrutural nas nossas bases culturais (Nascimento, 2022; Santos; Freire, 2022).

Em suma, há uma evidenciação entre o que seria acesso do que seria permanência no bojo das políticas públicas educacionais brasileiras. No entanto, há de se levar em consideração que isso deve ser revisto pelas políticas públicas, pois, do ponto de vista da permanência, a objetificação da figura da pessoa transexual tem sido um grande entrave no que compete à estadia desses acadêmicos no contexto de ensino superior, o qual tem se revelado cada vez mais violento e intolerante. Sabemos que a educação é uma válvula propulsora para a transformação social como um todo. As transformações devem partir dela para que, assim, todos os demais domínios sociais possam se servir dela.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como premissa, retomemos à pergunta de investigação estipulada na Introdução deste trabalho, a qual propõe o seguinte questionamento: O que revelam as falas analisadas de estudantes universitários brasileiros, assumidamente transexuais, acerca da sua permanência no ensino superior após ter tido seu acesso viabilizado por políticas públicas de cotas?

Entendemos que esta pergunta foi contemplada em todo o processo de construção deste trabalho, especialmente na seção destinada ao tratamento dos dados de pesquisa. Compreender as falas de estudantes transexuais universitários é fator basilar no mapeamento dos sentidos que agregam, a partir da relação com seu contexto de vida.

Os resultados revelam um sentimento de não pertencimento do acadêmico trans, ainda que este insista em sua resistência no contexto universitário. Em outras palavras, a pessoa trans assume uma posição de fala de persistência, visto que as políticas afirmativas parecem não ter resolvido seus respectivos problemas de maneira satisfatória.

Outro aspecto revelado e que merece nossa atenção é a associação da figura do transexual à pornografia ou à prostituição conferindo-lhe uma ideia de objetificação. Nesse caso, o contexto universitário, enquanto ambiente de propagação de ideias, não parece se distanciar ideologicamente de outros domínios sociais mais amplos, em que a imagem da pessoa trans é associada costumeiramente à ideia vulgar da concupiscência. Isso, por sua vez, já foi diversas vezes evidenciado em pesquisas científicas sobre ideologia de gênero em escolas, por exemplo.

Em suma, reforçamos a diferença significativa entre acesso e permanência no bojo das políticas públicas brasileiras. Estas, por sua vez, dão indício de uma preocupação maior em viabilizar acesso da pessoa transexual ao ensino superior, mas com pouca ênfase em possibilitar melhores condições de permanência destes. Isso parece se justificar pelo fato da pouca incidência de mecanismos pedagógicos e sociais que confirmam à ideia de aderência efetiva à figura do estudante universitário trans.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, R. M. do *et al.*, Interdisciplinaridade da Ciência da Informação brasileira: intensidades e relações. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 30, e-131695, 2024.
- ANZINI, V. B. O poder das coisas: corpa, falocentrismo, transgeneridade e arqueologia. **Rev. Disc. Arqueologia**, Rio Grande, RS, v. 1 n. 1, jul./dez. 2020.
- GOMES, N. L.; XIMENES, S. B. Ações afirmativas e a retomada democrática. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 43, 2022.
- HASHIZUME, C. M.; ALVES, M. D. F. Políticas afirmativas e inclusão: formação continuada e direitos. **D.E.L.T.A.**, v. 38, n. 1, 2022.
- MARCONDES, M. M. *et al.* Transversalidade de gênero em políticas públicas no Rio Grande do Norte (2003-2021). **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 56, n. 3, p. 373-392, maio/jun. 2022.
- NASCIMENTO, J. **Le transféminisme**: genres et transidentités. São Paulo: Anacaona Editions, 2022.
- PEREIRA, B. G. Analisi del discorso sui media e delle voci sociali: costruzione linguistica e ideologica dei fenomeni di massa in Brasile. **Latin American Journal of Development**, v. 2, p. 330-340, 2020a.
- PEREIRA, B. G. Dialogisme Bakhtinien en Confluence Avec La Sociopragmatique Danoise Perspectives en Langue Appliquée. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, p. 89531-89543, 2020b.
- RAMOS, R. H.; MAZALO, J. V. Metodologias de Investigação Científica: passos para elaboração de artigos científicos. **Rev. Nova Paideia** - Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa Brasília, DF, v. 6n. 2p.137-155, maio/ago. 2024.
- SANTOS, S. M. dos; FREIRE, R. S. Acesso e permanência na educação superior como direito: sobre os impactos das políticas de assistência estudantil e ações afirmativas na UFOB. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 27, n. 2, p. 260-280, jul. 2022.
- SARTORI, T. L. **Educação, direitos humanos e violência homofóbica no ambiente escolar**: a concepção dos gestores. 2020. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Municipal de São Caetano do Sul, USCS, São Caetano do Sul, SP, 2020.
- SARTORI, T. L.; PEREIRA, B. G. Direitos humanos e políticas públicas na educação superior: algumas palavras sobre identidades de gênero. *In*: RIBEIRO, A. C. F. *et al* (org.). **Práticas da Interdisciplinaridade na Educação**. Pará de Minas: Virtual Books, v. 1, p. 58-63, 2022a.

SARTORI, T. L.; PEREIRA, B. G. Identidades de Gênero na Modernidade Líquida: Mapeamento de Políticas Públicas na Educação do Brasil. **Temática** – Revista eletrônica de publicação mensal, v. 9, p. 191-205, 2022b.

SOUSA, T. S. Humano demasiado inumano: gênero, direitos humanos e discursos em disputa. **Revista Direito, Estado e Sociedade**, n. 56, p. 292 a 315, jan./jun. 2020.

VIANNA, C.; BORTOLINI, A. Discurso antigênero e agendas feministas e LGBT nos planos estaduais de educação: tensões e disputas. **Educação e Pesquisa**, v. 46, 2020.

Recebido em: 21 de Novembro de 2024

Avaliado em: 13 de Março de 2025

Aceito em: 29 de Abril de 2025



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

Copyright (c) 2025 Revista Interfaces Científicas - Humanas e Sociais



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

1 Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Tocantins – UFT; Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Ibirapuera – UNIB.
E-mail: bruno.pereira@ibirapuera.edu.br

2 Doutor em Mudança Social e Participação Política pela Universidade de São Paulo – USP; Professor e pesquisador permanente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Ibirapuera – PPGE-UNIB.
E-mail: tlsartori@hotmail.com

